

Notas para um estudo sobre a tradução do humor

Giane da Silva Mariano Lessa (UFRRJ/ UNIRIO)

“Cada povo, cada nação possui seu humor e, muitas vezes, de tal forma típico, característico, que só é realmente compreendido pelos componentes do grupo em que originou e para o qual se dirige, sendo, por isso, inclusive intraduzível.”

Mario S. Brito.

Introdução

O humor, aquilo que desperta e instaura o riso, é um efeito cultural: “Nosso riso é sempre o riso de um grupo” e “precisa de eco” (BERGSON, 2004, p. 4). Traduzir o humor corresponde à tradução intercultural de efeitos que permeiam o imaginário de um grupo, e que se apóiam na cumplicidade existente entre seus componentes.

Língua e cultura se constituem mutuamente, sendo consideradas sinônimas por vários autores: “A linguagem a um tempo é cultura e a expressa” (NERCOLINI; BORGES, 2003, p. 139). Nessa perspectiva, a tradução é uma negociação e o tradutor, o mediador cultural. O processo tradutório percorre um caminho entre fronteiras, região instável, em que línguas e culturas inevitavelmente se misturam e se fundem (NERCOLINI; BORGES, 2003).

O terreno da comicidade caracteriza-se como movediço e muitas vezes ambíguo (SÁNCHEZ GARCÍA, [s. d.]). Na sua produção, o cômico se vale, muitas vezes, da polissemia, que nas enunciações humorísticas carregam boa carga de significação. Eis um dos desafios do tradutor, cuja tarefa será mais eficaz, quanto melhor conseguir manter, com os recursos da língua de chegada, a ambigüidade, que está, por sua vez, relacionada ao contexto cultural de partida.

Identificam-se pelo menos dois tipos de humor: o universal e o que se produz em contextos culturais, espaciais e temporais específicos. Se quisermos traduzir enunciados que produzem o riso, teremos que dirigir nosso olhar para a contingência de produção do humor. Cabe ressaltar que a tradução entre línguas próximas como o espanhol e o português engana quanto à suposta facilidade e esconde muitas armadilhas (ALPÍZAR CASTILLO, [s. d.], p. 1).

Cintrão (2006) sustenta que “elementos culturalmente marcados [como o humor] evidenciam a relação essencial entre língua e cultura como princípio central na tradução”. Temos, assim, algumas questões: Como os aspectos culturais interferem na tradução do humor e da ironia? Que tipo de conhecimento o tradutor necessita para cumprir tal tarefa? Como o tradutor poderá driblar a língua de chegada para produzir o riso? O presente estudo, sem propor fórmulas, pretende tecer algumas considerações sobre a tradução do humor, objetivando colaborar com a tarefa do tradutor.

Analiso alguns quadrinhos de *Mulheres alteradas 5*, da autora argentina Maitena, cuja linguagem caracteriza-se por um registro coloquial, repleto de expressões e gírias típicas de *Buenos Aires* dos anos 2000. Neles, são retratadas situações cotidianas vivenciadas por mulheres. Temas como moda, relacionamentos, falta de tempo e maternidade evidenciam os conflitos dessas mulheres (VIVAS, 2006).

Como falas femininas contemporâneas, “*Mujeres Alteradas* está dirigido a uma audiência ideal, basicamente heterossexual, branca e de classe média” (TEIXEIRA LOPES, 2004, p. 7). É preciso atenção à sua linguagem, compreender as expressões características e procurar conhecer o contexto correspondente na língua de chegada: o registro usado por mulheres de classe média dos grandes centros urbanos brasileiros.

Ao tradutor caberá não só reconhecer e interpretar aquelas expressões, como também encontrar a equivalência em português, lembrando que a tradução não é mera transcodificação de palavras, mas uma operação comunicativa complexa

(CINTRÃO, 2006), que será tão melhor quanto mais estiver adequada aos seus objetivos. Nesse caso: produzir o riso.

O conceito de gênero de Bakhtin

Os gêneros do discurso são um conjunto de enunciados mais ou menos estáveis, que se definem por sua função social, são moldados com base na especificidade de determinada esfera da comunicação verbal e configuram práticas discursivas sociohistoricamente situadas (BAKHTIN, 2000). Os gêneros se organizam com base em critérios convencionais formais e lingüísticos e propósitos comunicacionais.

Identificar e reconhecer um gênero são, portanto, condições para que se efetive a comunicação, mas nem sempre essa é uma tarefa que se realiza de forma tão direta e simplificada, tornando necessário compreender sua estrutura, para que se produza uma leitura eficaz.

O conceito de gênero pode orientar o tradutor nas suas opções lingüísticas, pois está vinculado à adequação da linguagem, do registro usado e à função e objetivos que estes cumprem em determinado contexto social. Como elaboração formal inserida numa cultura, o gênero quadrinhos tem suas especificidades e sua função é produzir o humor.

O humor e a ironia

“Es sabido que el humor viaja mal, que suele marchitarse en el trayecto más corto, llegando deshecho, si no muerto, a su destino, al trasladarse de un idioma a otro.”

Leo Hicke.

Bergson (2004) sustenta que o riso cumpre uma função social e que seu meio natural é a sociedade: “O riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários” (BERGSON, 2004, p. 5). Desse modo, o riso é um tipo de linguagem, é um modo de comunicação e implica a interação entre indivíduos.

De acordo com Brito (1959, p. 9),

a palavra humor transitou da medicina para a literatura. Com esse vocábulo latino, que significa fluido ou líquido, definiam-se as secreções do corpo que se admitiam afetassem a disposição espiritual do homem. [...] Com esse sentido médico, os retóricos Minturno e Escalígero aplicaram a palavra às produções literárias.

O autor acrescenta que a relação entre humor e comicidade e a busca do entendimento sobre a essência do cômico são antigos: o humor é um “fascinante terreno de cogitações onde as dúvidas preponderam sobre as certezas” (*Ibidem*, p. 10).

Vários autores que têm estudado o humor ressaltam a dificuldade de lidar com sua traduzibilidade: “Quando se trata da tradução do humor, tal operação demonstra ser [...] desesperadora” (DIOT, 1989, p. 84 *apud* MATEO, 1995, p. 174), tão sutil e cheia de armadilhas pode ser essa operação. Autores como Sánchez García ([s. d.]) e Hickey ([s. d.]) sugerem que para haver humor é preciso haver uma ruptura: entra em jogo o inesperado, a incongruência, ou seja, um desvio do curso comum da comunicação. O riso instaura a ambigüidade, a ambivalência (SÁNCHEZ GARCÍA, [s. d.]).

Na introdução assinalo dois tipos de humor. O primeiro seria o mais fácil de traduzir, devido ao seu caráter universal. O segundo, o mais específico, exigiria uma adaptação ao contexto cultural da língua meta, bem como à época e local de produção. Sejam quais forem os aspectos que desencadeiam o riso, eles precisam de

que algumas variáveis se combinem, a saber: a cumplicidade, códigos comuns ao grupo em que se são produzidos e significados compartilhados.

Barthes (1989) sugere que a língua nos obriga a dizer de determinada maneira e não de outra, impondo-nos sua estrutura e cita a Jakobson: “Um idioma se define, menos pelo que ele permite dizer, do que por aquilo que ele obriga a dizer” (*Ibidem*, p. 12) e Octavio Paz (1975, p. 59) nos diz: “Las lenguas que nos sirven para comunicarnos también nos encierran en una malla invisible de sonidos y significados, de modo que las naciones son prisioneras de las lenguas que hablan”. Deparamo-nos com as coerções, às quais está sujeito o tradutor, exercidas pela língua, seu sistema e normas. O tradutor deverá trapacear a língua, para criar seu texto (BARTHES, 1989).

Por outro lado, a tradução está vinculada à interpretação do leitor/ tradutor, que será uma das leituras possíveis, sempre provisória e também contextual. É por isso que “cada traducción es, hasta cierto punto, una invención y así constituye un texto único” (PAZ, 1975, p. 59).

Análise

Devido à limitação de páginas, analisaremos apenas três quadrinhos do livro *Mulheres alteradas 5*. Não houve um critério específico para a escolha desses quadrinhos. Apesar disso, toda seleção parte de um sujeito e, está, portanto condicionada ao seu lugar sociohistórico. Tal escolha não se pretende e não é neutra. Por essa razão que a análise também não é e nem pode ser a única possível. Além de consultas a dicionários, foram feitas consultas a falantes nativos de espanhol, com especial atenção àqueles procedentes de *Buenos Aires*, conhecedores de expressões e gírias locais. Passemos aos quadrinhos:

1.



No quadrinho 1, a expressão “fumé como un murciélago” foi acertadamente traduzida e adaptada ao contexto brasileiro como “fumei como uma chaminé”. A expressão “bebí como un cosaco”, entretanto, foi traduzida como “bebi como uma esponja”. A metáfora é correta e dá conta do significado da expressão em espanhol. Talvez não seja certa do ponto de vista pragmático, pois, no Brasil não é tão comum dizer “bebi como uma esponja”. Expressões como: “enchi a cara”; “bebi pra cacete”, dariam mais fluidez ao texto, sem causar ruptura na produção do riso.

2. No quadrinho 2, para traduzir o nome “Mecha Finoli Decuna” é preciso saber que, em *Buenos Aires*, trata-se de um jogo de palavras que designa uma mulher da alta sociedade, ironizando nomes de famílias tradicionais. A tradução para o português “Fernandinha” apaga essa ironia, subtraindo significado e humor. Uma opção teria sido inventar um nome, como “Carmem Finísssima do Berçod’ouro Veiga” (fazendo um trocadilho, por exemplo, com a *socialite* Carmem Mayrink Veiga).



3. No quadrinho 3, a tradutora encontrou uma boa solução para traduzir o título “hasta en la sopa”, que significa “em todo lugar”. Esse título é irônico: trata-se da amante que telefona até na hora do marido acompanhar sua mulher na sala de parto. A tradução ficou “em toda parte”, mantendo a ironia e o humor.



Considerações finais

A linha que separa o texto de humor e o texto não humorístico é tênue, bastando um pequeno detalhe para que se rompa com a ironia e com o inesperado que causam o humor. É preciso, portanto, considerar os lugares de enunciação do escritor e do tradutor. O tradutor, como sujeito sociohistórico cumpre um papel intermediário que tenta compreender o texto a partir das categorias culturais em que está inserido.

Há, pelo menos, dois fatores na tradução de Maitena, que devem ser observados. Um deles refere-se ao registro e ao conhecimento de expressões cotidianas do contexto *porteño* e do contexto dos grandes centros urbanos brasileiros. Quando um deles é desconhecido pelo tradutor, ocorre a ruptura do humor. Outro fator é de caráter pragmático, pois muitas vezes a metáfora é correta, mas a expressão pouco usada ou fora de uso vigente. Em outros momentos foi possível constatar a

habilidade da tradutora em adaptar expressões culturalmente marcadas para o contexto brasileiro, mantendo o ritmo e a fluidez do humor na sua tradução.

O diálogo tradutório nem sempre se dá harmonicamente e ocorre na tensão entre culturas, épocas, lugares e entre muitos significados possíveis. A tradução ora nos afasta e ora nos aproxima daquilo que nos é comum, das nossas referências culturais, do nosso imaginário. A boa tradução será aquela disposta a negociar significados, e a conjugar estruturas lingüísticas e signos não verbais, produzindo o riso.

Referências

ALPIZAR CASTILLO, Rodolfo. *Traduzir do português ao espanhol: uma coisa muito simples*. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/olingua/04/lingua02.html>>. Acesso em: 09 maio 2005.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: CULTRIX, 1989.

BERGSON, H. *O riso — ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BURUNDARENA, Maitena. *Mujeres alteradas 5*. Buenos Aires: Sudamericana, 2002.

_____. *Mulheres alteradas 5*. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. *Efeitos de uma abordagem funcionalista, discursiva e funcional à formação de tradutores: alguns resultados positivos*. 2006. (Mimeo).

HICKEY, Leo. *Aproximación pragmatolingüística a la traducción del humor*. Disponible en: <<http://cvc.cervantes.es/obref/aproximaciones/hickey.htm>>. Acesso en: 14 feb. 2006.

MATEO, Marta. The translation of irony. *Meta*, v. 40, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n1/003595ar.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2006.

NERCOLINI, Marildo José. A questão da tradução cultural. *Revista Idiossincrasia*, Rio de Janeiro, 18 jul. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/Literal2005>>. Acesso em: 15 jul. 2006.

SÁNCHEZ GARCÍA, Fco. Javier. *Teorías lingüísticas del humor*. Disponible en: <<http://www.proel.org/articulos/humor.htm>>. Acesso en: 14 mar. 2006.

TEIXEIRA LOPES, Fabiana. “Mulheres alteradas”: uma análise discursiva das identidades sociais de gênero. *Mneme-Revista Virtual de Humanidades*, v. 5, n. 11, jul./ set. 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 27 jul. 2006.

VIVAS, Michele Abreu. “*Literatura mulherzinha*”: a construção de feminilidades nas tirinhas da série “Mulheres alteradas” de Maitena. Rio de Janeiro: PUC, 2006.